

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 58 A - 1.º e 2.º Andar - Telef. 34.

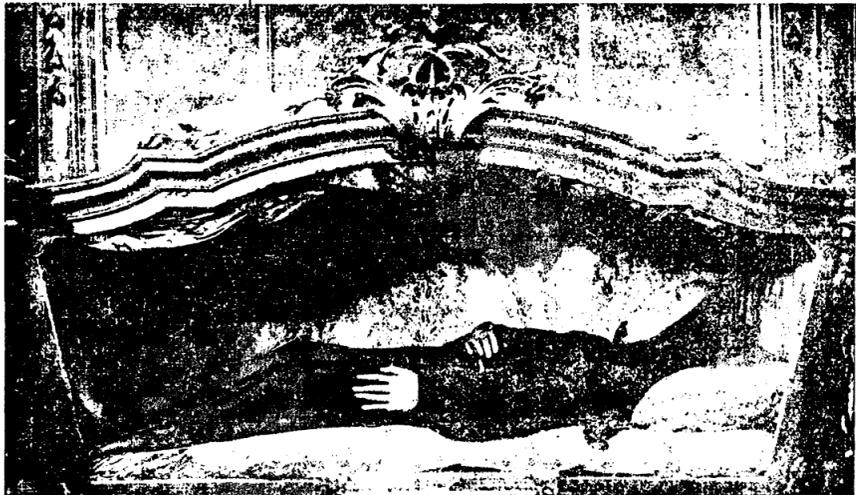
Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

ASADO PELA CENSURA

## Feiras Francas de S. Gualter

Vão realizar-se, uma vez mais, a exemplo dos anos anteriores e por iniciativa da Câmara Municipal com a colaboração de uma Comissão de Vimaraneses, que é presidida pelo nosso prezado amigo e distinto Vereador do Município, Sr. António José Pereira de Lima, as



Veneranda imagem de S. Gualter, em cuja honra será levada a efeito uma pomposa solenidade

antigas e afamadas Feiras Francas de S. Gualter, que prometem revestir, como no ano passado, o maior brilhantismo.

As Feiras vão ter lugar no espaço Largo da República do Brasil, nos dias 2, 3 e 4 de Agosto próximo. Por tal motivo já naquele amplo Largo se vêem muitas barracas e diversas atrações que ali têm atraído, nas últimas noites, muitas pessoas.

O programa geral das Feiras Francas e Festas de S. Gualter, é o seguinte:

**SÁBADO, 2** - Às 8 horas, a cidade será despertada por girândolas de foguetes e os acordes do Hino da Cidade por várias bandas de música.

Às 10 horas, terá início no vasto Largo da República do Brasil (Campo da Feira), e Avenida Miguel Bombarda, a Feira Franca de S. Gualter, com gado bovino e suíno, sendo conferidos aos melhores exemplares expostos valiosos prémios.

A inscrição para este concurso pecuniário é grátis, devendo todos os expositores, que desejem concorrer ao mesmo, fazer a sua inscrição até às 17 horas do dia 1 de Agosto, na Sede da Junta de Turismo desta cidade.

Às mesmas 10 horas, dá entrada no Largo da Feira uma banda de música que, em corêto, executará algumas peças do seu vasto repertório.

Às 12 horas, as mesmas demonstrações festivas da manhã.

Às 14 horas, reúne o Ex.º Juri para a classificação de prémios a conferir aos melhores exemplares de gado exposto. Esses prémios serão distribuídos em seguida à classificação.

Das 17 às 19 horas, a Banda dos Bombeiros Voluntários de Vizela abrihantará a continuação das Feiras, com um programa musical escolhido.

Às 22 horas, **Grande Festival Minhoto**, que terá lugar no Largo da República do Brasil, constando de concertos musicais pelas Bandas dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e Vizela, iluminações de surpreendente efeito, sendo queimado, às 24 horas, pelo hábil pirotécnico Augusto Fernandes, da vila das Taipas, vistoso fogo de artifício.

**DOMINGO, 3** - Às 8 horas, as mesmas demonstrações festivas da véspera.

Às 10 horas, **Feiras Francas de Gado Cavalari e Avelino**, a que deve concorrer a Comissão de Remonta do Exército. Concertos musicais no Largo da República do Brasil.

Ao meio dia, várias filarmónicas, arruando pela cidade, e o estrondear dos foguetes continuarão a afirmar o prosseguimento das Grandiosas Feiras Francas.

Às 14 horas, reúne o Ex.º Juri para a classificação de prémios a conferir aos melhores exemplares de gado exposto. Esses prémios serão distribuídos em seguida à classificação.

Às 17 horas, **Grande Garralada**, na Praça de Toiros «João de Melo», com surpresas cómicas, por D. José, Charlot e «Trolaró», em benefício da Colónia Balnear Infantil dos Sindicatos de Guimarães. Nesta garralada toma parte, por especial deferência, o reputado cavaleiro-amador do Ribatejo Ex.º Sr. D. Manuel Faya.

Concerto musical no Largo da Feira pela Banda dos Bombeiros Voluntários de Vizela.

Às 22 horas, novo festival, no Largo da República do Brasil, que será abrihantado pelas reputadas Bandas dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e Vizela.

Às 0,30 horas, será encerrado o segundo dia de Feiras por uma brilhante sessão de fogo de artifício dos consagrados pirotécnicos Silva & Filhos, de Viana do Castelo.

**SEGUNDA-FEIRA, 4** - De manhã e ao meio dia, será a cidade despertada pelas mesmas manifestações dos dias anteriores.

Às 10 horas, terá início o concerto pela Banda dos Bombeiros Voluntários da vila das Taipas.

Às 11 horas, no majestoso templo dos Santos Passos, dar-se-á início às grandiosas Solenidades Religiosas, em honra de S. Gualter, com missa cantada a grande instrumental.

Às 18,30 horas, continuação das Solenidades Religiosas, que constam de Solene Exposição, Sermão pelo talentoso orador sacro, Rev. Manuel da Silva Marcelino (Abade de Abuil-Pombal), Solene Te-Deum, a grande orquestra, e encerração do Santíssimo. Durante os três dias das Feiras estará neste templo, exposta em trono próprio, a veneranda imagem de S. Gualter. O mesmo templo será iluminado com milhares de lâmpadas eléctricas e ostentará uma rica e caprichosa decoração, do hábil armador João Passos, desta cidade. A orquestra, sob a regência do distinto violinista António Guise, será constituída por elementos do Porto e desta cidade.

Às 22 horas, último festival, com concertos musicais pelas reputadas Bandas dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e do Pevidém, que primarão em executar as melhores peças dos seus vastos repertórios.

No final do concerto será queimado vistoso fogo preso e uma verdadeira surpresa pirotécnica, na igreja dos Santos Passos, que a todos vai deixar as melhores recordações pelo seu ineditismo, obra dos grandes mestres da pirotecnia Silva & Filhos, de Viana do Castelo.

## Suum cuique

Sr. Director: - No último número das Notícias de Guimarães, o Sr. G., seu colaborador habitual, a propósito do Jornal do Médico, faz votos por que a memória do meu grande amigo Ricardo Jorge perdure vincadamente e exemplarmente. E acrescenta:

«... e não tenha a má sorte do nosso João de Meira sobre cuja campa pesam sombriamente vinte e oito anos de esquecimento. Só Gominhães recorda o seu talento!»

Esta afirmação do Sr. G. relativa ao malogrado escritor vimaranense exige esclarecimento e comentário.

§ 1.º

Começo por observar que não entendo aquilo de só Gominhães recordar o seu talento. O talento de João de Meira recorda-o a sua obra. Gominhães recordará, quando muito, a sua pessoa física ou a sua morte. Não me consta que Gominhães, no todo ou em parte, seja obra de João de

Meira. Pelo contrário: é João de Meira que dá nome a Gominhães.

Mas isso é o menos. O principal é a afirmação genérica de que sobre a campa de João de Meira pesam sombriamente vinte e oito anos de esquecimento, - porque tal afirmação é uma flagrante injustiça, atirada, assim, para o monte, sem reservas ou distinções.

A melhor prova de admiração que um escritor pode desejar é que lhe aproveitem a obra. O esquecimento de um escritor traduz-se pelo silêncio que à volta do que escreveu se faz.

Dois escritores vimaranenses, um, ainda felizmente vivo, o Sr. Eduardo de Almeida, o outro, não sei se feliz ou infelizmente também vivo ainda, que sou eu, sempre que vem a talho de foice falar-se em João de Meira, não deixam de o fazer. Assim, o Sr. Eduardo de Almeida, na Romagem dos Séculos; eu, mais modernamente, na monografia sobre Guimarães, editada pela nossa Câmara Municipal.

Não há muitos anos, pronunciei, na Sociedade de Martins Sarmiento, uma conferência em que largamente falei de João de Meira, e propus que se fizesse uma edição de toda a sua obra literária, não só da publicada

dispersamente, mas também inédita. A proposta caiu no vácuo.

Outro escritor que não é, salvo erro, vimaranense de nascença, mas tem o seu nome ligado à vida de Guimarães, o Sr. Prof. Luís de Pina, não deixa passar um pretexto só para falar de João de Meira, que o não faça.

Se vinte e oito anos de esquecimento pesam sombriamente sobre a campa de João de Meira, - a culpa não é minha, nem dos dois escritores citados.

A culpa cai, inteira, sobre a família.

João de Meira, deixou, neste mundo, quando a Morte, tão prematuramente e injustamente o levou, os Pais, Irmãos, Viúva e Filha.

Nem os Pais, nem os Irmãos, nem a viúva, nem a Filha se importaram com o espólio intelectual, com a herança literária do ilustre morto.

Tinha uma livraria apreciável, João de Meira. Que é feito da sua livraria? A Filha, graças a Deus, tem meios de fortuna que a impedem de leiloar essa livraria. Já devia estar, a estas horas, convenientemente arrumada e catalogada na Sociedade de Martins Sarmiento, ainda que continuasse a ser propriedade da Filha de João de

Meira. O destino duma livraria como a deste escritor não é ficar empilhada em caixotes...

Não exijo que todas as Filhas de Escritores sejam como D. Sofia Viterbo que foi, até o último sópro da vida, vestal permanente diante da ara sagrada de Sousa Viterbo. Não exijo tanto. Mas tenho pena de que, pelo menos, elas não ajudem os amigos dos Pais a recordar-lhes condignamente a memória.

Se vinte e oito anos de esquecimento pesam sombriamente sobre a campa de João de Meira - a culpa não é minha.

Até parece que Deus me tem deixado ficar para trás, para que os homens bons de Guimarães, ao tombar, levem nas suas cinzas, o eco das minhas palavras de consagração. Quantos deles, se não fosse eu, desceriam à terra quasi ignorados!

Adiante... § 2.º

João de Meira, pelas suas múltiplas qualidades, merece que o recordem - os escritores que cavam na mesma vinha, lendo-o, ou continuando-o.

Mas o meio social de Guimarães é capaz de compreender o que João de Meira merece, e a injustiça que o esquecimento do seu nome significa? O meio social de Guimarães, nesta hora, é, na matéria de que estou a tratar, confrangedor.

O que salvou Sarmiento do abandono e do desinteresse foram os amigos - um punhado deles que enquadrou o meio social do seu tempo e o obrigou a tirar o chapéu ao grande Arqueólogo. Sem esse punhado de amigos, Sarmiento teria morrido anonimamente, como morreu Alberto Sampaio, como morreu o Abade de Tagide, como há-de morrer muitos outros, enquanto o meio social for o que estou a ver.

João de Meira não tinha amigos? Morreu muito novo; os seus amigos eram novos como ele, e muito poucos, os que fossem capazes de, um dia, impôr o seu nome. João de Meira não passou de uma promessa - promessa admirável, mas promessa. O que deixou realizado foi imenso para a sua idade; é o bastante para que Guimarães o não esqueça; mas não chega para abalar o meio social vimaranense que anda atrás de outros deuses, seduzido por outras glórias, e guiado por outros cânones - no que não faz mais do que seguir as pisadas da sociedade portuguesa contemporânea.

Para o meio social vimaranense, a obra de João de Meira não vale um segundo de atenção, comparada com um goal bem jogado e bem acertado do grupo do Vitória. A mocidade do meu tempo, do tempo de João de Meira, não era soturna ou asceta. Divertia-se, era atrevida, mas cultivava o Espírito - e quando falava em Sarmiento era com ar de prece.

A gente era o demónio nesta terra pacata: trazíamos tudo em alvorço; armávamos discussões altas horas, pregávamos disparates, fazíamos abanar as casas do Toural com as nossas irreverências; éramos a Inteligência a manifestar-se, a expandir-se. João de Meira, Alfredo Guimarães, Eduardo de Almeida, Arnaldo Pereira, Mário Cardoso, A. L. de Carvalho são nomes que expoentam a mocidade do meu tempo, e que, quando já não houver memória ou vestígios do mais cantado pontapé na bola, ainda serão lidos e relidos no silêncio solene das salas da Sociedade de Martins Sarmiento.

Depois da minha geração, a que se lhe seguiu ainda teve força para dar Alberto Vieira Braga e Manuel Alves de Oliveira, que não deixaram apagar a lâmpada da Inteligência.

O grande poeta Guilherme de Faria, esse só é de Guimarães pelo nascimento: a sua obra é exótica.

A mocidade vimaranense de hoje que faz? Onde está? Em que se ocupa? Para onde se dirige? Quais os seus deuses? Qual o seu culto? Existe ela, acaso?

Será, essa mocidade, capaz de, sem bandeiras, foguetes e charangas, ir, recolhidamente, a Gominhães, deitar flores na campa de João de Meira, ou aparecer, em Briteiros, a prestar as honras do seu culto a Sarmiento, ou, amanhã, a cumprir o seu dever junto da memória de Alberto Sampaio? Existe ela, essa mocidade? Onde está ela?

De V. ... muito grato

Alfredo Pimenta.

Casa da Madre de Deus, 21 de Julho.

Anunciar no «Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

## Um mundo novo

Sonho d'olhos abertos, acordado, E às vezes tenho sonhos pavorosos: Vejo o universo a arder de lado a lado, Ouço o uivo dos homens monstruosos!...

Assim, vejo um mar alto, encapelado, De ruínas, de destroços belicosos! Ouço o bramir do mar esbraseado A reduzir a cinza os poderosos!...

O fim, o fim do mundo se fará!... Depois... um outro mundo surgirá Sem ambições, sem ódio e sem ruindade...

Um mundo aonde todos ouvirão Bater dentro do peito o coração No coração de Deus e da Bondade!

JULHO de 1941.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

## Dr. Américo Durão GAZETILHA

Tendo sido nomeado Chefe da Secção de Propaganda e Turismo da Câmara Municipal de Lisboa, deixou de exercer as funções de Chefe da Secretaria da Câmara Municipal deste Concelho, o nosso prezado amigo e



Colaborador, Sr. Dr. Américo Durão, que no meio vimaranense, onde vivia há mais de uma dezena de anos, soube conquistar inúmeras amizades e dedicações.

O distinto Funcionário que é também um dos mais brilhantes espíritos poéticos do nosso tempo, era actualmente o Presidente da Comissão Administrativa do Vitória Sport Club a cuja colectividade prestou, durante alguns anos, valiosos serviços.

Durante a sua estada em Guimarães, onde constituiu o seu lar, o Sr. Dr. Américo Durão, sempre gentil para todos aqueles que dele se abeiravam, colaborou nas Festas da Cidade assim como, por dever do seu cargo, nas Festas Centenárias.

E com muita mágoa que vemos afastar-se do nosso convívio o nosso querido Colaborador.

«Notícias de Guimarães» deseja-lhe as maiores prosperidades.

O Sr. Dr. Américo Durão que partiu na passada sexta-feira para Lisboa, a fim de tomar posse do seu novo cargo, dignou-se vir à nossa Redacção apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida, gentileza esta que muito nos penhorou.

S. Ex.º falou-nos de Guimarães e da sua gente, com viva emoção. Disse-nos que leva de Guimarães e de todas as pessoas as mais gratas recordações. Considera-se quasi vimaranense e considera tanto esta terra como aquela onde nasceu. Parte com saudades mas voltará aqui muitas vezes, tantas quantas lhe permitirem os seus afazeres.

Ao despedir-se de nós, que tanto admiramos o seu talento, o Sr. Dr. Américo Durão, amigo dedicado e colaborador ilustre do nosso jornal, fez-nos, com o maior interesse, um pedido que satisfizemos com todo o gosto: o de em seu nome agradecermos aos vimaranenses todas as atenções que lhe dispensaram e lhes pedir desculpa de não se poder despedir de todos os seus amigos. Não pôde fazê-lo por falta absoluta de tempo para tal.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarães»

Quem não está habituado a ouvir tal barulheira fica bastante irritado ali no Campo da Feira, quando lá pára um bocado.

Há ali música a faltar, de diversa procedência: «seringofones», a par, são de tal impertinência que nem deixam... conversar.

O da Viagem à Lua, não sossega um só momento, e o da Flor Humana actua com tal enternecimento que abala as pedras da rua.

Além destes, temos ainda o da «cabine falante», que está sempre na berlinda a gritar, qual elefante, música e conversa infinda.

Põem-nos a todo o gás, berram a mais não poder, nenhum quer ficar atrás p'ros fregueses convencer. - E a gente vive horas más.

Que cada um se defenda, concordamos plenamente, agora que se pretenda emmoquecer toda a gente, - isso precisa de emenda.

Inda domingo passado, o Director do Jornal me dizia, chateado: - Tem de acabar este mal, é um abuso descarado!

'stão os GUISES a tocar, e eu só vejo, francamente, o gesto, cortando o ar, da batuta do regente. - Não se pode tolerar...

Tem razão o Director, e eu aqui venho pedir p'ra baixarem, por favor, o roncar ou o grunhir dos harpejos... a motor.

BELGATOUR.

## FESTEJOS AO S. CRISTÓVAO NA PENHA

Conforme noticiámos, realizam-se hoje na Penha grandes festejos em honra de S. Cristóvão, Patrono dos Motoristas.

As festas iniciaram-se ontem com diversas manifestações festivas, tendo-se realizado, à noite, na Pensão da Montanha, um animado jantar de confraternização, que foi bastante concorrido.

Na Montanha, que esteve iluminada, foi lançado, depois das 23 horas, muito e vistoso fogo de artifício.

O programa dos festejos que hoje têm lugar na maravilhosa estância e que serão abrihantados por uma banda de música, é o seguinte:

Às 11 horas, Missa solene a vozes e órgão na capela de S. Cristóvão. Às 16 horas, Corrida de 3 pernas e escalada a um pinheiro com prémios.

Às 18 horas, Ginca de Bicicletas, com 3 valiosos prémios. Fogo preso e fogo do ar.

# Farpas

## Depois dos exames

Encerrado o período escolar e os clamores são unânimes contra a maneira como são organizados os pontos de exames nos nossos liceus.

O critério que ultimamente se vem adoptando não nos parece ser o mais conforme com uma conveniente selecção de valores escolares e com o respeito que é devido aos direitos dos alunos.

Vários jornais se tem referido ao caso e *A Voz*, no seu n.º do dia 19, consagrava algumas linhas de justa análise ao que, infelizmente, se está passando com os exames liceais.

As eliminações que se verificaram, neste ano, são consequências de os pontos não serem elaborados em correspondência com a forma como o ensino é ministrado e procurarem abranger larga cultura em extensão e não em profundidade, o que constitui grave defeito de orientação.

Diz *A Voz*:  
"Afigura-se justo que não dando resultado o processo mecânico de reconhecer da aptidão dos alunos e uma vez que tal está reconhecido e se vai mudar o sistema seja desde já, a título transitório, estabelecido para cada matéria um coeficiente de correcção a introduzir nas notas arranjadas pelo processo mecânico de classificação."

Os pontos de exame, tal qual tem sido elaborados, constituem lamentáveis alcapões ou armadilhas preparadas para perder os alunos. E isso não é justo.

Que se organizem os pontos de maneira a procurar-se conhecer das aptidões e aproveitamento dos alunos, está certo. Mas fazer-se o que se tem feito, não é sério.

Em presença de alguns dos pontos ultimamente distribuídos, afirmava, com certa ironia, um belo e culto espirito de professor experimentado e sabedor: — "Isto não é *criari* nem chega a ser *criari*: é autêntica charada."

Supomos que os exames se não estabeleceram para se decifrar charadas, nem nos parece que nos nossos estabelecimentos do curso secundário exista qualquer disciplina *charadística*. Portanto tudo quanto se faça em contrário dos métodos de ensino que são adoptados representa uma injustiça flagrante a que é preciso, para haver moral, pôr cõbo imediato.

Os pontos devem ser elaborados com são critério, para se acabar com uma situação que se vai tornando ridícula e demasiado pesada à bõsa dos que pretendem dar aos seus filhos uma soma maior de conhecimentos.

Com pontos assim e com as injustiças que algumas vezes se cometem — rigorismo demasiado para alguns, malha mais larga para outros — chegou-se à anomalia, inconcebível e enorme percentagem de reprovações em certas disciplinas, como *A Voz* salienta.

Na verdade, «ao Sr. Ministro da Educação Nacional, à sua alta inteligência e ao seu espirito de justiça cabe resolver este caso», a bem da dignificação do ensino.

Esperamos que assim sucederá, como é inteiramente justo e que se adoptem as medidas necessárias para acabar com estas anomalias.

S. João das Caldas, 23 de Julho de 1941. X. X.

**ALUGA-SE** 2.º Andar com 5 divisões, luz eléctrica, água encanada. Informa-se na Rua Dr. Avelino Germano, n.º 85 e 89-A.

# Críticas Pequenas

Há bons quarenta annos, honravam-se os beneméritos Filhos de S. Francisco com a sua esplêndida Revista denominada *Voz de Santo António*.

Muito simpático o nome. Belamente apresentada a Revista.

Uma que outra vez uns ares modernistas sopraram a árvore antonina e ela houve de cair numa arremetida mais forte. Sucedeu-lhe a modéstia do *Boletim Mensal*.

E essa modéstia tem se abalancado a interessantes progressos da mais segura orientação e com o número recente ultrapassou os saudosos dias do início da *Voz*.

Eº o número consagrado à «Sagração Episcopal de D. Fr. Teófilo da Trindade, Bispo de Nampula».

Todo o número é recheado de ilustrações de fino gosto e de descrições de acentuado esmero.

Parece que esta formosura de número foi resultante de duas grandes causas: o prêmio da Comissão dos Centenários ao estudo publicado em Fevereiro de 1940 e devido à pena do Rev. P. Luís de Sousa e a ascensão do Provincial franciscano ao Episcopado.

A verdade é que o número de Julho é um brinquinho de edição e um mimo de Arte! Merece parabéns o *Boletim*.

\*\*\*

Augusto Moreno, o grande Batalhador da boa linguagem, tripartiu os seus *Estudos de Língua Pátria*.

Do *Joio na seara* só nos surpreendeu e acalmou e encantou com um volume.

Das *Lições de Linguagem* deu já a lume quatro tomos.

De *Como falar, Como escrever* publicou agora o primeiro volume. São as suas lições no *Janeiro*, desde Fevereiro a Outubro de 1939. Tais quais naquelle diário as ofereceu aos seus Leitores.

¿Não seria melhor reduzi-las às mais interessantes?

¿É difícil a selecção?

¿Não deveria o índice ser mais extenso e registar tódas as lições do modo mais óbvio?

¿E do *Joio na seara*, não vem mais nada?

¿Só um volume de amostra tem feiteira?

Pois o *Joio na seara* é a sua flor mais bela!

G.

## Hotel das Termas, das Taipas

Na forma dos anos transactos, o Sr. Martinho Ribeiro da Silva, conceituado concessionário do Hotel das Termas, das Taipas, convidou há tempos os representantes da imprensa a visitar aquele importante estabelecimento, cuja direcção lhe foi confiada e que tem procurado engrandecer, para o que não se poupa a esforços.

A esse convite, feito já há bastante tempo, anuíram os representantes da imprensa, que no domingo último deram plena satisfação aos desejos do conhecido e activo hoteleiro.

Uma vez mais pudemos constatar o incremento que o Sr. Martinho Ribeiro da Silva tem dado ao Hotel das Termas onde os hóspedes são tratados com tódas as atenções e gentilezas não só por parte daquele nosso amigo mas, também, de todo o seu habilitado pessoal.

Cremos bem que a Direcção da Empresa Termal das Taipas não deixará de preferir, no futuro, para dirigir o seu Hotel o actual gerente, pois isso a dar-se, como supomos, só representará um acto de boa administração e estamos certos que trará a compensação, porquanto o Sr. Ribeiro da Silva procurando os seus legítimos interesses não deixará de defender, com excelente critério, os da Empresa.

Haja em vista que no ano passado o Hotel das Termas, das Taipas, registou uma grande afluência de hóspedes, prova mais que evidente daquilo que afirmamos por ser de absoluta justiça dizer-se.

«Notícias de Guimarães» agradece não só o gentil convite que lhe foi feito, mas também as atenções que lhe foram dispensadas no decorrer da visita ao Hotel das Termas e deseja ao Sr. Martinho Ribeiro da Silva as maiores prosperidades.

## Crónica Tripeira

### Beleza ou Fealdade

A menina bonita e pomposa que anda pelas ruas com tal garbo e majestade que parece trazer na barriga o imperador de grandes domínios (e quem sabe? Tudo é possível nas passagens desta vida, segundo reza a cantiga!) escusa de arregalar os olhos de satisfação porque não venho aqui cantar-lhe lóas; nem a destituida de formosura, que muitas vezes cerra os punhos para o espelho porque elle não consegue enganá-la e transformá-la numa Cleópatra, se apoquento — porque não venho aumentar-lhe o desgosto, salientando todos os seus defeitos, desde as pernas tortas aos cabelos arripiados. Simplesmente pergunto: Qual será melhor e mais preferível — uma mulher bonita ou uma mulher feia?

É difícil e quasi impossível responder a esta pergunta, se se atender que a formosura reside nos olhos que observam e que não há feias para o amor. Além disso, o gosto é relativo, graças a Deus, muito relativo até, pois, se não o fosse, as mulheres belas não poderiam sair à rua sem o perigo de se verem despedaçadas pela chusma infundável de admiradores.

Contudo, sem pretensões a sabichão, pode dizer-se qualquer coisa neste sentido, sem esquecer que «a beleza é o capital da mulher e o capital é a beleza do homem» e sem esquecer também aquele célebre conceito do ilustre Balzac: «A fealdade tem sobre a beleza esta vantagem: a beleza passa e a fealdade fica.» De resto, como não estamos em concurso de beleza, tudo passa e lembrar-nos-emos sempre com saudade da mulher que não roubou o primeiro beijo (o primeiro é sempre roubado), quer ella fosse uma bruxa ou uma deusa. Qual será, pois, melhor?

Geralmente a mulher bonita é mais vaidosa, cheia do pó de arroz de importância. Chasqueia de todos porque, é claro, a sua boniteza não encontra parêlha nem na terra nem nos céus. É arrogante, escuta com indiferença, mexe os ombros com desdém e pelo rosário das suas devoções vai cantando o número de namoros que já teve. Tanto se lhe dá como se lhe deu e muitas vezes dá pontapés na sorte só para levar a sua amante. O carteiro vem ajudado com declarações e à sua vista tódas as bõcas se abrem como por mysterio do seu encanto. Não lhe fica bem mostrar parte de fraca e muitas vezes perde-se e faz perder a cabeça a muitos homens.

A mulher feia é communmente mais pacata, mais dedicada, e chega até a esquecer-se de si própria para se entregar totalmente aos outros. Mas se ella é feia e não sabe que o é, só há um remédio: — Fugir-lhe. Ninguém consegue sustê-la. Tem as pernas tortas, mete os pés para dentro, faz marrecas nas costas, tem os olhos de gato e a boca de raia, mas nem o espelho a convence nem se lhe pode dizer semelhantes coisas, porque o céu desabaría sob a metralha de perdigotos dos seus protestos.

A mulher bonita serve de planta de estufa e, como tódas as coisas boas, está indicada para ser guardada e muito bem guardada. É um frasquinho de cheiro que, se se lhe levanta um bocadinho de rolha, logo se evapora todo.

A mulher feia está armada para tódas as contingências e dedica-se mais ao homem porque tem receio de não receber o sétimo sacramento.

Houve até um maduro que admitia que a mulher feia é a mais económica do mundo, porque, se adoece, não era preciso gastar dinheiro com ella e, se morresse, não deixava pena nenhuma. Outro homem, casado, quando numa mesa de café se discutia a perda de formosura de certa mulher que gozara, noutros tempos, de suggestivo encanto, aconselhava: «Escolhêsseis como eu! Sequer ao menos a minha que é feia e sempre foi feia, nunca foi cobiçada por ninguém e nunca muda: está sempre na mesma! sempre feia!»

E já agora mais outro caso: Interrogado, um dia, certo rapaz com pretensões a filósofo, acerca do seu casamento, respondeu: Só me casarei quando encontrar uma mulher com estes três defeitos: — rica, tã e feia. Depois de instado, explicou: Rica — porque, se ella não for rica, eu não a quero; tã — porque, se não for tã, não me quer ella a mim; e feia — porque, se não for feia, não falta quem a queira.

Descanse, pois, a mulher bonita porque a legião de admiradores ainda não se acabou. Continuará a ser cortejada, admirada e disputada. Sossegue também a mulher feia porque, quando nasce a cabra-mochila, aparece logo o comprador.

Ferreira Tôrres.

## Violenta tempestade

Depois de uns dias de calor asfiantes pairou sobre esta região a meio da tarde de quinta-feira, uma violenta tempestade que causou elevados prejuizos.

Uma forte trovoadá que se prolongou até à madrugada de sexta-feira, foi acompanhada de aguaceiros e de fortíssima ventania.

Em muitas freguesias do Concelho, principalmente na zona de Guima-

## Imagens de Hoje

### A batalha do Oriente

Decorre encarniçada e tremenda a batalha do Oriente. Os criticos militares portugueses ocupam-se dela como de um acontecimento sem precedentes na História, quer pela extensão da frente em que decorre, como pelo número de homens, de formações mecanizadas, de aviões de caça e de bombardeamento em jôgo. Para os técnicos, este estudo é tentador e aliciente.

Incontestavelmente, a Alemanha, com o método que lhe é peculiar, devia ter preparado e disposto, há meses, as melhores forças que o seu Grande Estado Maior poderia lançar para tentar o formidável ataque ao colosso moscovita.

Esta iniciativa, em vigoroso curso, deixou as mãos quasi livres à Grã-Bretanha para esta poder prosseguir, em relativa calma, a sua preparação, aliás já em andança acelerada, a despeito da luta incessante.

Nesta altura da guerra, o balanço parece favorável aos Ingleses. No Próximo e Médio Oriente, a sua posição estabilizou-se com as vitórias do Iraque e da Síria. No Norte da África, a situação não causa apreensões e tudo parece indicar que as forças imperiais procurarão repetir as marchas vitoriosas do General Wawell. A Abissínia está perdida para a Itália, que a conquistara após uma campanha das mais vastas e brilhantes, em terras de África, e com grande sacrificio.

A ameaça que chegou a pesar, em determinado período, sobre a rota imperial do Oriente, desapareceu, o que não quer dizer que não volte a pairar, embora seja muito mais difícil. Quando?

Tudo parece depender do desenrolar daquela gigantesca luta que vai travada entre os germanos e os eslavos, luta que, nem por ir empreendida tão longe, deixa de prender a atenção de todo o mundo.

Entretanto, os Estados Unidos avançam as suas forças para zona que Berlim considera e declara de guerra, ocupando, *manu militari*, a Islândia. O Governo americano não oculta propósitos de, cada vez colaborar de mais perto — «ou o nosso auxilio se faz de maneira efectiva ou então é melhor suspendê-lo por completo», exclama Willkie, o segundo cidadão americano — na tarefa que a Grã-Bretanha, a certa altura, não recebeu enfrentar sozinho, tendo de acudir a tudo, enquanto a espada de Damocles estava suspensa sobre a sua cabeça.

A Primavera já lá vai; o Verão alonga-se. O âmbito da guerra tomou proporções que a imaginação humana mal podia alcançar. Aquelas profecias que, arrojadamente, eram lançadas a público recolheram, envergonhadas, no negrume do Passado.

J. C.

## Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

rães-Braga o vento que atingiu proporções ciclónicas derrubou muitas árvores de fruto e inutilizou grandes milheirais, causando à lavoura prejuizos que estão calculados em centenas de contos.

Na rua da Arcela caiu uma grande árvore que destruiu parte da habitação do Sr. João Antunes da Silva Guimarães. As linhas telefónicas e telegráficas avariaram.

A trovoadá chegou a causar pânico. Há freguesias muito atingidas pela tempestade, tais como: Fermentões, Corvite, S. João de Ponte, Castelões, Caldelas, S. Jorge e S. Cristóvão de Selho, Creixomil, etc.

Segundo as informações que colhemos, perderam-se centenas de carros de milho e dezenas de pipas de vinho, havendo perdida também grande quantidade de frutas. Pelas estradas, ao principio da noite de quinta-feira viam-se muitas árvores derrubadas.

# Carta a um despeitado

Meu amigo

Li a tua carta com a devida atenção e, afinal, verifiquei que não tens razão para te referires sem desprimorosamente às pessoas que nela citas. Tu ainda és daqueles que em outros tempos apelavam para qualquer imaginário *bicho papão*, a fim de comprometerem o bem-estar de quem quer que fosse ou mesmo a sua própria dignidade. E porque ainda te encontras integrado nessa doutrina de ódio ou de rancor, eis a razão por que criticas tudo e todos, deturpando a verdade e malsinando as boas intenções de quem apenas se preocupa com a boa intenção de ser útil a Guimarães. Se o teu procedimento no desempenho de determinadas funções em que, então, estavas investido, deu ensejo a que te apontassem portador de um indigno e revoltante exemplo, evidentemente que tiveste de sofrer as consequências dessa infeliz levandade e, portanto, não podias continuar a apregoar a tua honestidade nem continuar a apelar para a tua moralidade. Por outro lado, nenhum dos teus amigos — mesmo dos mais dedicados — poderia aproveitar-se da tua pessoa para cargos que exigissem as melhores virtudes, a não ser que esses amigos se sujeitassem ao desgosto de serem justamente criticados pela opinião pública. Por isso, tudo aquilo que dizes dos actos de certos homens de bem e que estão a servir o Estado Novo com dedicação e com desinteresse, não passa de um torpe desabafo de um despeitado. Melhor farias, pois, se pensasses mais a sério na situação que criaste com o *trombolho moral* que te arrastou para o ridiculo, porque, dessa forma, poderias atenuar a falta que cometeste. Vejo, porém, e com pesar, que em vez de te sentires humilhado te consideras exaltado e com força moral para apontares faltas aos outros, com a agravante de te agarrares a calúnia e à intriga. Como teu amigo que tenho sido, lamento profundamente que procedas assim e aconselho-te — se é que os meus conselhos não repudias — a fazeres um sincero e metucioso exame de consciência, por meio do qual poderás chegar a convencer-te de que procedes mal quando tomas determinadas atitudes perante factos ou perante pessoas.

Se, de futuro, te souberes conduzir na sociedade como bom cidadão, exemplar chefe de família e leal e sincero amigo, estou certo de que o tempo se encarregará de passar uma esponja sobre o teu passado e regressarás, então, àquella época em que gozavas de prestígio social e da consideração mais íntima dos teus amigos. De resto, não estranhes a rude franqueza com que te falo, mas entendo que mais vale ser rude e franco, do que ser amável e hipócrita. E tu, que já me conheces desde há bastantes anos, sabes perfeitamente que eu sou incapaz de dizer o contrário da verdade seja contra quem for. Hoje contra ti, amanhã contra outro e sempre contra quem não for correcto nem ponderado nas suas acções e nas suas afirmações, como sucede contigo, relativamente ao conteúdo da tua última carta, na qual te apresentas com ares encobertos de despeitado para te mostrares um Apóstolo de uma vida immaculada! Não, meu amigo. Cada um deve pensar nas suas faltas e procurar emendar-se ou corrigir-se no sentido de ingressar na categoria das pessoas de bem. É isso o que do coração te desejo.

Julho de 1941. Teu amigo,

Z. da A.

## Grave desordem

Ao fim da tarde de domingo passado reinaram-se, na «Pensão da Montanha» na Penha, diversos componentes de uma banda de música da vizinha vila de Fafe, que ali tinham ido em serviço profissional. Encontrando-se bem bebidos, ao que parece, por ali se demoraram a *cavaquear*, saboreando frescas cervejas.

O alcool fez das suas e não tardou que os músicos se pegassem com o dono da Pensão, o nosso bom amigo Sr. Joaquim da Silva que entendeu — muito bem a nosso ver — fazer justa advertência.

A discussão azedou-se e daí o dar-se uma cena bastante desagradável. Foram agredidos violentamente o Sr. Silva e os seus empregados que acorreram, como era natural, em defesa do patrão. Uns e outros ficaram bastante feridos e tiveram de vir curar-se à Farmácia enquanto que a policia, avisada do acontecimento, se fazia conduzir à Montanha, pondo termo à refrega.

No decorrer da questão os desordeiros partiram vidros e louças e causaram danos no mobiliário. Alguns fregueses por descuido ou aproveitando proposadamente a confusão, ausentaram-se sem pagar a despesa que ali haviam feito.

Tudo deu em conclusão o verificar-se um prejuizo para aquele estabelecimento de uns dois mil escudos, que não é *barro* nos dias que vão correndo.

As autoridades tomaram conta da ocorrência tendo sido efectuadas umas prisões.

O caso está affecto ao Poder Judicial.

# A Garraçada

## a favor do Santuário da Penha

São dignos dos maiores elogios os organizadores da brilhante Corrida que se realizou na Praça de Toiros «João de Melo», nomeadamente o distinto vimaranense Sr. Bráulio Carneiro, que pôs tódá a sua «aficção», e boa vontade ao serviço de uma obra que é o nosso orgulho. Só o prestígio de que goza no meio tauroamático deu lugar a que Bráulio Carneiro conseguisse reunir, numa mesma festa, um tão completo grupo de bons lidadores. Parabéns, pois!

A nossa praça de toiros oferecia, no passado domingo, muito tempo antes da realização da corrida, um aspecto deslumbrante de garridice e de cõr. Os trajes das Senhoras, que concorreram em grande número para verem e apreciarem a grande cavaleira Maria da Graça — honra e lustre do «sexo frágil», — emprestavam ao ambiente uma nota gentil de graça e de mimosidade, tão rara de observar-se nas praças de toiros do sul do País.

Comçada a corrida, sob a direcção acertada e competente do antigo cavaleiro tauroamático Adolfo Machado, coadjuvado pelo grande aficionado e nosso canterâneo, Sr. Bráulio Carneiro, saíram as luzidas corteias em que a gentil cavaleira ribatejana Maria da Graça fez alardes de boa equitadora numa «passage», correcta e desenvolta. O primeiro animal foi toureado pela grande cavaleira, que havia recebido o seu primeiro ferro das mãos do ilustre vimaranense e muito digno Juiz da Irmadade da Penha, Ex.º Sr. António Pereira de Lima, sendo, nessa ocasião, cumprimentada pelo organizador principal do festival, Sr. Bráulio Carneiro. Depois de duas sortes bem marcadas em que partiu dois bons ferros compridos, Maria da Graça luzziu-se em dois grandes ferros curtos, um «de cáras», e outro «à tira», sendo aplaudidíssima e dando a volta ao «redondel». A abrir a segunda parte, Maria da Graça suplantou ainda o seu trabalho no primeiro corripeto, pois portou-se como uma toureira consumada e valente. Bem colocada na sela, cravou autênticas «estribeiras», principalmente com os ferros curtos em que electrizou a assistência que lhe prodigalizou uma quente e entusiástica ovação. Muitos profissionais invejariam uma acção tão brilhante e acertada. Muito bem, valente rapariga! É's bem a continuadora das nossas heroínas, na coragem e no destemor!

Manuel Casimiro, magoado bastante logo no início da Corrida, por ter sido fortemente tocado por um garraio que lhe não estava destinado, foi em más condições que teve de lidar o que lhe competia. Ainda assim, tanto no «têrcio», de capote como no das bandarilhas e no «têrcio», de muleta, deu nos uma série de «chicuelinas», rematadas com uma vistosa «serpentina»; colocoou um par e dois meios-pares de bandarilhas e, com a muleta, em três passes «por alto», dois «de peito», e um «cambiado», mostrou bem que sabia do seu officio, sendo apenas para lamentar que o facto de estar magoado lhe não permitisse continuar até ao fim na lide deste bravo animal. Felicitamos o simpático artista.

Ajudando a lide, foram incansáveis os artistas profissionais António Dias, José Segarra e Domingos Mesquita, quer auxiliando Maria da Graça e Manuel Casimiro, quer dando indicações aos amadores de Guimarães. Dêstes, todos decididos e valentes, é justo destacar o grande treinador de Vitória, Alberto Augusto, em dois vistosos lances de capa; José Sampaio, num par de bandarilhas de que saiu um tanto «amolgado», e o valentíssimo José Peanha que parecia um «diestro», espanhol na lide com a muleta, que lhe deu uma merecida ovação e volta à praça. Os forçados, fizeram duas boas pegas de cara e uma de «cerneilha», dignas de elogio e com merecimento de destacar.

E assim terminou, no meio de grande entusiasmo e sem qualquer nota discordante, esta simpática festa, que fica, de facto memorável, não só pelo que representou em «savour faire», e sacrificios da parte de Bráulio Carneiro e da Comissão que tão acertadamente o encarregou da respectiva organização, mas também por ter dado oportunidade ao povo de Guimarães de ver uma artista que muitas das principais terras do Sul de Portugal não se podem gabar de ter ainda apreciado e aplaudido: — Maria da Graça — a graça em pessoa.

Bem haja a todos os que contribuíram gentilmente para este lindo festival; parabéns a todos e que a próxima corrida cujo fim é também bastante simpático — ajudar as criancinhas da III Colónia Balnear — tenha o mesmo brilho e iguais proventos.

Eis o que sinceramente desejamos.

Repórter Zero.

**TIPOGRAFIA** VENDE-SE uma composição de duas máquinas e respectivos aprestos.

Nesta Redacção se diz. (125)

Lêde e propaguei o «Notícias de Guimarães»

TEATRO JORDÃO

HOJE, às 15 e às 21 1/2 horas

Um filme musical com lindas canções, quadros luxuosos, bailados, episódios alegres:

A Vida é uma Canção!

com

Alice Faye, Betty Grable e os Bailarinos Negros da «Sinfonia dos Trópicos».

QUINTA-FEIRA, 31

Uma alegre e luxuosa comédia musical

IRENE

interpretada pela vedéta inglesa ANNA NEAGLE

Atenção: Durante o mês de Agosto encerra-se fechada esta casa de espectáculos

Livros & Jornais

Por FERREIRA TORRES.

AMOR DA PERDIÇÃO — por Camilo Castelo Branco

O conhecido editor sr. Domingos Barreira, de algum tempo a esta parte, vem publicando obras de grande relevo literário. O seu trabalho merece todos os louvores e estamos convencidos de que não lhe há-de faltar o devido êxito, já pelo mérito das obras, já pelo esmero da edição que agrada perfeitamente.

O «Amor da Perdição», há pouco reeditado, vem reavivar a lembrança do desventurado de S. Miguel de Seide. Camilo Castelo Branco foi um génio verdadeiramente singular, e refulge no céu da nossa literatura como estrela de primeira grandeza. O maior novelista e a mais espantosa imaginação. Ninguém como ele burilou a frase com tanto casticismo e fidelidade e jamais houve pena de romancista que o superasse. E dos poucos que formou escola. Ainda hoje, depois de passados bastantes séculos, as suas obras descendem aos mais ricos olores lingüísticos e são jóias duma inteligência incomparável que, procurando literarizar a beleza, se confundiu admiravelmente com a própria beleza. Fêz tanto e prestou-nos tantos serviços que já alguém afirmou que, se, por qualquer motivo, toda a nossa literatura fosse reduzida a pó, ao nada, bastaria que se salvasse a bibliografia de Camilo para que o nosso léxico prevalecesse e se recuperasse.

O «Amor da Perdição» pode não ser o melhor romance de Camilo, mas é, com certeza, o mais bonito e comovedor, quer pela união sentimental que o autor lhe imprimiu, quer pelo drama plangente que nos emociona até às lágrimas. E o livro em que Camilo abriu mais o seu coração, é o livro em que Camilo mais nos mostrou Camilo. Deve ser o romance mais lido em Portugal e isto prova quanto o escritor de cerca de 300 obras soube impôr-se à admiração de todos.

Camilo deve de ser lido muitas e muitas vezes. O «Amor da Perdição» um romance que deve existir em todos os lares. Que diríamos dum francês que não conhecesse «Os Miseráveis»? Que pensaríamos dum espanhol que nunca tivesse lido o «D. Quixote de la Mancha»? Que diríamos dum português que ignora a obra mais sentida e popular de Camilo?

O «Amor da Perdição» é o n.º 3 da Coleção Portuguesa e a edição, do cunho artístico, pertence, como acima se disse, a Domingos Barreira — Livraria Simões Lopes, do Pórtio.

O PROBLEMA COLONIAL ALEMÃO — por Fernando de Sarmento

Nesta hora grave e sisuda para a infeliz Europa, neste momento crucial de incertezas, em que a Humanidade atravessa o seu mais doloroso Getsémani, a literatura acerca dos países beligerantes arrebatada as turbas com o fim de recolher palmas ou preparar azorragues. Escrevem-se livros com o convulsivismo da oportunidade, feitos «à la minute», talvez para não perderem o sabor da novidade. O homem lê, relê, lê mais uma vez e melhor, torna a ler ainda e filosofa: — Afinal é isto a civilização? O livro que acabamos de ler pertence ao número daqueles que se lêem dum trago, tais as conclusões que se pretendem auferir do seu conteúdo.

Fernando de Sarmento dividiu o seu trabalho nos seguintes capítulos: «Como a Alemanha administrou as Colónias»; «As colónias alemãs sob mandatos da S. D. N.»; «Materias primas»; «A burla dos mandatos da S. D. N.»; «A justiça das reivindicações coloniais alemãs sob o ponto de vista ideológico, jurídico e económico»; «As potências europeias perante as reivindicações coloniais alemãs». O autor faz inúmeras citações e, à face delas, argumenta pessoalmente, conseguindo por vezes dizer-nos verdades insofismáveis, que não admitem controvérsia, pois assim as constatamos tanto hoje que vivemos aterrorizados com os algoritmos que os jornais nos trazem, como ontem, antes da guerra, reflectindo um pouco. Sobre o valor político e a objectivi-

dade do livro, poderá o leitor ajuizar e fazer crítica por si próprio. A edição é do autor e são depositários: Editorial, Organizações, Ltd.ª (Largo Trindade Coelho, 9) — Lisboa.

Um livro recomendável — Já não é a primeira vez que a Liga de Profilaxia Social solicita da Imprensa de todo o País a sua colaboração para a propagação de livros realmente valiosos, defendendo doutrinas que se harmonizam com os seus objectivos. Essa propagação, procura a Liga fazê-la com inteiro desinteresse, e é sem dúvida compreendendo este facto que a Imprensa, por seu lado, coopera do melhor modo na sua divulgação. Desta vez, e sempre na mesma atitude, a Liga de Profilaxia gostosamente recomenda à atenção do público a obra duma distinta escritora, a Ex.ª Senhora D. Isabel Pereira Coimbra Neves, que sob o pseudónimo de Manuela de Castro publicou uma obra interessantíssima: «A Educação da Mulher e a alegria no lar».

Dedicado, muito apropriadamente, à Mocidade Feminina Portuguesa, o volume trata com muita proficiência de grande número de assuntos que interessam às donas de casa: higiene alimentar, regimes apropriados às várias estações, idades e fases da vida e ocupações, valor dos alimentos, etc. Todos os elementos científicos são expostos com grande clareza e fecham o volume umas noções muito úteis de economia doméstica, embora as alterações de preços devidos à guerra já lhe imponham certas rectificações que o leitor ou leitora inteligente, aliás, fará com toda a facilidade. A melhor prova de valia desta obra é o facto de já contar segunda edição — indo certamente a bom caminho da terceira. E a Liga Portuguesa de Profilaxia Social com o maior prazer a aponta como óptima leitura, digna do melhor acolhimento em todos os lares.

HORAS DE OCIO...

Protestamos! — Consequências de uma «distracção»... «Extracto» de uma conversa... — A Banda dos B. Voluntários — Justo reparo.

Protestamos!... Sim, senhor... Protestamos, porque não há o direito de... a nossa caneta também ser senhora da sua vontade!...

Protestamos! Depunhamos neles toda a confiança, toda a nossa amizade e esperança, para, imerecidamente e inesperadamente, nos traíam... Protestamos!... Protés... — Mas, afinal, protestar contra quê?... Contra nós?... Ora sebo!...

Isto até nos faz lembrar os protestos do sr. Molotov contra os alemães, por terem invadido a Rússia sem motivo justificado, sem prévia declaração de guerra, quando o culpado foi o próprio sr. Molotov, que, com outra caneta — por certo mais caprichosa e autoritária que a nossa!... ufa!... — assinou um pacto com a Alemanha, sabendo de antemão que isso era a guerra na Europa... É que primor de confiança, de amizade e de esperança!...

Gozar os toiros de palanque, ver com sorriso o fogo na casa dos vizinhos — e aproveitando-se desse fogo para aquecer apêtes... — era o propósito do sr. Molotov!... Mas, tão ingénio como nós, acordou um dia a protestar... Contra quem? Contra aqueles que se valem da oportunidade, envolvendo-nos num aparentemente forte amplexo? Seria loucura, porque toda a gente sabe que é perigoso brincar-se com o fogo... Não. O sr. Molotov, inconsciente-

mente, protestou... contra si próprio, contra aquilo em que, distraído, consentiu!... Nada tem de que queixar-se!...

Eis o nosso caso da caneta, dos dedos e da imodéstia...

Há dias, em passeio, seguíamos pela Avenida que do Largo 28 de Maio conduz à Estação do Caminho de Ferro. Despreocupadamente, fomos admirando a verdura dos quintais, de permeio com as fábricas ali dispersas.

Em dado momento, passámos por um grupo de rapazes (3 ou 4) que, encostados ao paredão, discutiam, com temperatura um tanto elevada, acerca da guerra actual...

— Mas tu és maluco! Então não vês que a Inglaterra...

— Pois sim! Mas tu compreendes que a Alemanha...

— ...? E que vos parece da Rússia?...

Passámos, vagarosamente, com ar de quem não presta atenção ao que vai... De facto, não nos interessou o tom da conversa, mas ficámos a pensar na facilidade com que os «novatos» chamavam a si o direito de discutir questões internacionais, como se estivessem a combinar o jogo da Maria escura ou dos Polícias e Ladões...

E depois... no exame de Matemática, 6.º ano, de 48 alunos concorrentes, 32 experimentaram as sensações produzidas pelas arranhaduras de uma corpulenta... gata!... No fim, provavelmente, sucedeu-lhes como ao sr. Molotov...

— Protestar contra quem?...

Atenção às excepções!...

Há comestíveis que caem mal, sobretudo as saladas internacionais da actualidade...

Ora, por exemplo — note-se que somos irredutíveis anti-comunistas, desde as pontas dos cabelos às unhas dos pés! — há quem avenge que certa nação combate, agora, o comunismo. Mas, antes de agora, essa mesma nação não apertou a mão ao renegado regime estalinino? E com que fim? — Obter a liberdade de acção para usufruto de interesses, conquista de espaço vital, etc., etc.

Todos recordam, ainda, o carácter festivo que a referida nação deu ao grande triunfo diplomático! Alarmou o mundo com o êxito obtido, desdenhando de outros...

Porém, volvido pouco tempo, virou-se o bico ao prego... O comunismo transformou-se no maior perigo que ameaçava o Mundo!... E nova guerra estalou. Mas contra o Comunismo? Não. Aproveitou-se a oportunidade, somente... A nova guerra estalou porque a isso obrigou a defesa de interesses e necessidades que o desenrolar da primeira fase desta luta fratricida consigo arrastou e criou a citada nação!... Mais nada!

A necessidade é inimiga da virtude e a oportunidade define, muitas vezes o carácter dos homens!...

Mas, deixemos as coisas dos outros... para tratarmos das nossas, mais alegres, mais lucrativas...

Os preparativos para as Feiras Gualterianas vão muito adiantados. O Campo da Feira está cheio já de barracas, circos, etc. No domingo à noite, aquele local estava repleto de povo, talvez por no Jardim Público não ter tocado a Banda dos B. Voluntários, que passou a ouvir-se em corêto próprio no referido campo.

Porém, ó Santo Deus! Que endiabrada barafunda!...

Os alto-falantes das barracas e dos circos, os apitos, o brouá da multidão, a cabine sonora, tudo, enfim, ensurdecia os ouvidos à gente! Mas isso era o menos, porque o barulho e a barafunda são características próprias das festas e romarias. Porém, colocar uma banda de música para realizar um concêrto no meio de todo aquele salsifré, é que até parece uma... brincadeira de mau gosto!...

Se, ao menos, enquanto a banda tocasse, os alto-falantes emudecessem, ainda vá! De contrário, é preferível que a banda apenas toque... o Viva, para o Zé Pagode dançar à vontade e ajudar à festa...

Executar em semelhantes condições um Tausser, um 1812, um Mercado Persa ou uma Viagem do Gama, é desdenhar dos autores, depreciar a banda que executa e menosprezar os apreciadores da boa música!

Por que se não muda o corêto, para efeito de concêrto, para o extremo Norte do Campo da Feira?

Das duas uma: — ou os alto-falantes se calam enquanto a banda executa, ou, então, afasta-se a banda, o mais possível, do centro da barulheira infernal!

¿Não lhe parece que isto é justo, caro leitor?

M. A. Rodrigues.

Casa dos Pobres, das Taipas

A «Casa dos Pobres», da vila das Caldas das Taipas, por intermédio do seu digno presidente da Direcção o nosso bom amigo Sr. Tomás Rocha dos Santos, foi entregue pelo grande benemérito e importante negociante na Cidade do Rio de Janeiro, Sr. Abel Pinheiro, oriundo da freguesia de S. Lourenço de Sande, deste concelho, a quantia de Mil Escudos. Igualmente, a Comissão da Junta de Turismo subscrevu mensalmente com 125\$00. Bem merece o auxílio de todos

a prestante e útil instituição, que já vem fornecendo diariamente, a 25 pobres 2 litros de boa e succulente sopa e 400 gramas de pão.

No último domingo, o digno Reitor da freguesia chamou a atenção dos seus paroquianos, exortando-os a contribuirem, mensalmente, para se alargar ainda mais, a distribuição da sopa, visto as muitas necessidades da pobreza.

AGRADECIMENTO

Maria da Conceição Silva de Carvalho, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que tiveram a bondade de se interessar pelo seu estado de saúde por motivo da operação a que teve de se submeter, vem por este meio, assim como seu marido, testemunhar-lhes o seu maior reconhecimento.

Guimarães, 26 de Julho de 1941.

D. JOSÉ, CHARLOT E TROLARÓ

Grandioso e sensacional espectáculo de Variedades Taurinas

E' no dia 3 de Agosto, 2.º dia das Feiras Francas de S. Gualter, que pela primeira vez o público deste Distrito vai ter ocasião de ver o formidável Grupo-Sério-Cómico — D. José, Charlot e Trolaró, composto dos artistas Alberto Mendes Leal, (D. José), o rei da graça taurina; Henrique Lira, (Charlot), grande saltador de rezes bravas e de irresistível comicidade; e Francisco Machado, (Trolaró), indispensável neste género de espectáculos e que mantém o público em permanente gargalhada.

Este agrupamento, que em várias Praças do País se tem exibido com geral agrado, e vastas vezes na Praça do Campo Pequeno, a quem a crítica e o público já consagraram, promete ter o público deste Distrito em constantes e repetidas gargalhadas, com a apresentação dos seus nunca vistos e variados números de retumbante sensação.

Nesta imponente Garraída toma também parte o 1.º Cavaleiro no Ribatejo, D. Manuel Faya, que tanto sucesso tem obtido nas principais Praças do Sul e que pela primeira vez vem ao Norte, por especial deferência, atendendo aos fins altamente humanitários a que o produto se destina.

Também toma parte nesta colossal Corrida um luzido Grupo de Amadores, que pela primeira vez vão enfrentar os 8 puros e valentes Cornúpetos.

Não só pelo fim altruista a que se destina o produto da festa, mas também porque o programa é deveras atraente, a Garraída vai, estamos certos disso, registar uma afluência a bater o máximo record.

Vimaraneses! Proteger a infância é engrandecer a nação.

Vimaraneses! Assistir a esta Garraída é contribuir para o fortalecimento de 450 criancinhas, futuros trabalhadores do nosso Concelho.

A Comissão Organizadora informa que, atendendo ao fim de beneficência a que esta Garraída se destina, estão rigorosamente suspensas as entradas de favor.

da cidade

Diversas Notícias

Dr. Rocha dos Santos

Com sua esposa encontra-se nas suas propriedades de Nespereira o ilustre Presidente da Câmara Sr. Dr. João Rocha dos Santos.

Câmara Municipal

Em substituição do Sr. Dr. Américo Durão, encontra-se a exercer, provisoriamente, as funções de Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Guimarães, o nosso prezado amigo e distinto funcionário Sr. José Fernandes Ribeiro Gomes.

Um violento incêndio destruiu uma fábrica

Na sexta-feira, de madrugada, noite chuvosa e de trovoadas, manifestou-se um pavoroso incêndio na fábrica de tecidos da firma Martins & Ferreira, Lda., situada no lugar da Cruz do Romeu, da freguesia de Ronfe. Pelas 3 horas, as primeiras pessoas que se aperceberam do incêndio, verificaram que da fábrica apenas restavam as paredes a delimitar um enorme brasero emaranhado de ferros torcidos.

Reclamados os socorros às 4 horas, por falta de comunicações telefónicas no lugar, imediatamente seguiram para ali 3 viaturas. Os bombeiros sob a direcção do Comandante Sr. José Luis de Pina, trabalharam activamente no rescaldo até às 7.30.

Os prejuizos são superiores a 200 contos. Presume-se que o incêndio tenha sido provocado por alguma farsca.

Pensão da Montanha

Encontram-se a veranear nesta Pensão na Penha, a família do Sr. Joaquim Borges Machado, conceituado industrial portuense, composta por sua esposa, filhas e irmãs. A referida Pensão tem chegado ultimamente muitos pedidos de aposentos para o mês de Agosto próximo.

Serviço de Farmácias

Encontra-se hoje de serviço permanente a Farmácia Normal, ao Largo do Toural.

Beneficência

O pessoal da importante Casa Barros, do Pórtio, que no domingo visitou esta Cidade, fez entrega na Cabine Sonora, de que é proprietário o nosso prezado amigo Sr. João Abreu, da quantia de 50\$00 destinada à Casa dos Pobres, desta Cidade. Aquele nosso amigo incumbiu-se da missão que lhe foi confiada e agradeceu, em nome dos contemplados, o interessante gesto dos excursionistas.

Vida Católica

Numa peregrinação à Penha tomaram parte mais de 2.000 operários, de Fafe — Conforme estava anunciado, realizou-se, no passado domingo, a peregrinação de Fafe à Montanha da Penha, em que se incorporaram mais de 2.000 operários da importante Fábrica do Ferro daqueila vila. Os peregrinos fizeram-se conduzir em dois comboios especiais.

Boletim Elegante

Partidas e chegadas

Com sua esposa encontra-se entre nós, a gozo de férias e de visita a sua família, o nosso prezado amigo e distinto professor do ensino técnico, Sr. Dr. Jorge da Costa Antunes.

Com sua esposa também tem estado entre nós, de visita a sua família, o nosso prezado amigo e conterrâneo Sr. Dr. José Maria de Moura Machado, professor do Liceu de Chaves.

Regressou de Caldelas, com sua esposa, o nosso prezado amigo e conceituado industrial Sr. Martinho Gonçalves de Moura.

Com sua esposa tem estado no Vidago, de onde regressará no fim do mês, o nosso prezado amigo e conceituado industrial Sr. Bernardino Alves Marinho.

Com sua família tem estado na Póvoa de Varzim o nosso amigo Sr. Alberto A. Pinheiro.

Em gozo de férias, encontra-se entre nós a Sr.ª D. Maria da Conceição Oliveira Mota, que na Universidade de Coimbra concluiu o 4.º ano de Direito, com muito honrosa classificação. A distinta universitária e a seus dedicados Pais, Srs. Eduardo Mota e Espôsa, os nossos cumprimentos de felicitações.

Para Famalicão, Pórtio e Vila Nova de Gaia partiram, respectivamente, os nossos estimados amigos Srs. Dr. Daniel Sá, Dr. Alexandre Jorge Gonçalves e Guilherme Camarinha, dignos professores da Escola de Francisco de Holanda.

Partiu para Lisboa o nosso prezado amigo Sr. Coronel Alcino Machado.

Encontra-se entre nós, a gozo de férias, o nosso prezado conterrâneo e amigo Sr. António Martins Júnior.

Com suas famílias encontram-se na Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos Srs. Alberto Abreu e Dr. Joaquim de Oliveira Torres.

Encontra-se nas suas propriedades de Creixomil, com sua família, o nosso prezado amigo Sr. Amadeu da Costa Carvalho, conceituado industrial.

A uso de águas, encontra-se nas Pedras Salgadas, o nosso prezado amigo Sr. Dr. Nano Simões.

Com sua esposa parte do Pórtio para a Póvoa do Varzim, por estes dias, afim de ali veranear o mês de Agosto, o nosso prezado amigo e conterrâneo Sr. Manuel de Sousa Guise.

Com suas famílias encontram-se na Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos Srs. Manuel José de Carvalho e Adérito das Neves Saraiva.

Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo Sr. Francisco Pereira da Silveira Quintas.

Fizeram e fazem anos:

Dia 26, Sr. António da Costa Guimarães; no dia 28, o Sr. Manuel Francisco Ribeiro, residente em Lisboa; no dia 31, o estimado treinador do Vitória Sport Club, Sr. Alberto Augusto; no dia 3 de Agosto o Sr. Florêncio de Matos.

A todos aqueles nossos amigos endereçamos as nossas felicitações.

Doentes

Tem passado bastante doente, em consequência de um parto laborioso, a esposa do nosso prezado amigo Sr. José Gilberto Pereira, digno Provedor da Santa Casa da Misericórdia. Desejamos as suas breves e completas melhoras.

Câmara Municipal

Sessão de 23 de Julho

Comunicação: — Em sua sessão de 23 do corrente o Sr. Presidente comunicou à Câmara ter enviado um telegrama ao Sr. Presidente da República, fazendo votos pela sua feliz viagem aos Açores, aonde vai, numa afirmação da nossa indiscutível e muitas vezes secular soberania.

Sendo a primeira vez que o Vereador Sr. António José Pereira de Lima, depois da sua doença, assiste à sessão, congratula-se com este facto, em nome da Câmara.

O Sr. António José Pereira de Lima agradece e diz que lamenta não ter estado presente à sessão em que foi votada uma saudação ao Sr. Presidente, pela passagem do segundo aniversário da sua posse, para assim se associar à mesma homenagem.

O Sr. Presidente comunicou à Câmara ser esta a última sessão a que o Chefe da Secretaria, Sr. Dr. Américo Durão, assistia, em virtude de ter sido nomeado, a seu pedido, Chefe da Secção de Propaganda e Turismo da Câmara Municipal de Lisboa.

Põe em destaque as qualidades do Sr. Dr. Américo Durão, e propõe que a Câmara deixe registado na acta o seu pesar pela sua saída. Foi aprovado por unanimidade.

O Sr. Dr. Américo Durão pediu ao Sr. Presidente licença para agradecer à Câmara as palavras que acabavam de lhe ser dirigidas e todas as atenções que lhe tinham dispensado e de uma maneira especial agradece ao Sr. Presidente, Dr. João Rocha dos Santos, o auxílio e as facilidades que sempre lhe dispensara, para o bom exercício das suas funções, e disse que não era sem saudades que deixava esta cidade e de trabalhar com o Sr. Presidente e com a Câmara.

Deliberações — Resolveu: autorizar o pagamento de 1600\$00 ao Sr. Dr. Pedro de Castro e Almeida, pelo fornecimento que se dignou conseguir de 16 contadores de água para o Bairro de Casas Económicas, de Urgezes; autorizar o pagamento de 1500\$00 ao Sr. Chefe da Secretaria, correspondente à sua gratificação pela organização do Recenseamento Eleitoral do corrente ano; mandar proceder à reparação da Estrada Municipal da Falperra; autorizar o pagamento de 215\$00 que, por meio de guia, a Câmara vai depositar na C. G. D. C. P., Agência em Guimarães, à ordem do Engenheiro Director das Estradas do Distrito de Braga.

Falecimentos e Sufrágios

D. Maria Helena Dias Fernandes de Abreu Martins Guerra

Contando apenas 22 anos de idade, finou-se, na sexta feira, confortada com todos os sacramentos, na sua residência, ao Largo da Oliveira, a Sr.ª D. Maria Helena Dias Fernandes de Abreu Martins Guerra, esposa do nosso prezado amigo e conceituado industrial Sr. Domingos Martins Guerra.

A extinta, que havia casado não há ainda cinco meses, era sobrinha do nosso prezado amigo Sr. Rodrigo Fernandes da Costa Abreu e das esposas dos nossos amigos Srs. Tenente Coronel Malaquias de Sousa Guedes e João Lemos da Mota Amorim e cunhada do nosso amigo Sr. António Martins Júnior e da esposa do também nosso amigo e conceituado industrial Sr. Casimiro Gonçalves Rêbeiro.

Doente há algumas semanas e com uma melindrosa enfermidade que se agravava de momento a momento, foram baldados todos os esforços empregados pela medicina.

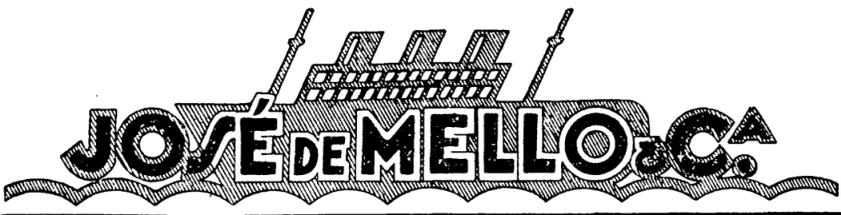
A sua morte foi bastante sentida. O seu funeral que constituiu uma significativo manifestação de salutar efectuo se, ontem, às 11 horas, na igreja de N. S.ª da Oliveira, perante numerosa e selecta assistência e o cadáver foi, depois, trasladado com numeroso acompanhamento para o Cemitério Municipal.

A toda a família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Finou-se, após dolorosos sofrimentos, a Sr.ª Maria José da Silva, que contava 26 anos, casada com o antigo jogador do Vitória Sport Club, Sr. Mário Plácido Pereira, irmã dos Srs. Martinho da Silva, Gabriel da Silva e Francisco da Silva e nora do Sr. Manuel Plácido Pereira. Pêsames à família dorida.

Finou-se, no sábado, repentinamente, na sua residência, à rua de D. João I, o industrial Sr. Francisco dos Anjos. O seu cadáver foi conduzido para o Cemitério Municipal, com grande acompanhamento. Os responsos fúnebres foram rezados na capela do mesmo Cemitério.

Contando 92 anos, finou-se, na sua casa, à rua Dr. Joaquim José de Meira, a Sr.ª D. Luísa de Magalhães Marques da Costa Amaral, natural de Braga. A extinta era irmã dos Srs. Isidoro e Alberto Marques da Costa. Pêsames à família dorida.



**DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,  
IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM**

**RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67  
PORTO**

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73  
e Estado, 57

Agentes de Navegação, de Trânsito, de Fabricantes  
e Negociantes estrangeiros e nacionais

# JUSTIÇA...

Elementos para a história da estrada e Confraria de S. Bento — Vizela

A' memória de Armindo Pereira da Costa e Dr. Manuel Caldas.

A César o que é de César... E' elevando o meu pensamento respositamente, numa silenciosa saillade, que rendo sincero preito de homenagem à memória de quantos têm trabalhado e sofrido pela terra formosa em que nasceram — Vizela.

Agora que — segundo informações fidedignas — a conclusão de uma das velhas aspirações dos vizelenses entra na fase das realizações, graças a várias personalidades em destaque, que por Vizela se têm interessado com um carinho digno de registo — na época que se atravessa, onde só impera o ódio, o cinismo estulto de braço dado com o orgulho desmedido — de justiça é que alguém, com imparcialidade, com dignidade, com verdade, deixe aos vindouros, em letra de forma, uma recordação pávida do que foi o esforço inaudito para a realização do que tantos e tantos snpuham uma futilidade.

Vizela tem história! Velha história perdida através dos tempos, onde em mistura de raças várias, com usos, costume e ritos diversos se entrecrocaram os povos na busca de liberdade uns, no desejo ardente de predomínio outros.

Se não existiram hidrópotes monumentais onde se exhibisse o fausto dos Tibérios, a imponência dos Césares, outras de facto existiram, de menor luxo e grandeza é certo, e que variadas mutações geológicas ou destruições humanas esconderam quasi por completo aos olhos ávidos e inteligências desejosas de conhecer o passado, de levantar a ponta do desconhecido e dúbio viver desses centenários avouçagos.

Não nos move o desejo de procurar as cinzas da última ceia espartana de qualquer Reburrrino, ou de levantar a stela circoidal que encime a tumba anónima de algum Cinanense!...

São carvões petrificados que a profundidade da terra esconde, raras vezes despertados do seu sôno eterno por qualquer charrna impávida...

Os nossos desejos são avivar as chamas duma fogueira ainda mal extinta. Avivar recordações, evitar injustiças, fazer história pura e não historietas de uma puerilidade irrisória com que se pretenda mesmo — post mortem — ofuscar a verdade. A verdade pura, imutável, divina. Levlar aos vivos do Além a certeza do reconhecimento eterno, lenitivo do muito que sofreram na terra. Juntar mais um capítulo ao livro da história de Vizela. Juntar ao seu contingente de esforços e sofrimentos, o nosso pensamento de saillade e gratidão. Justiça... pura, absoluta, imparcial — eis o nosso lema.

Um artigo de fundo no «Sunday Times» diz:

«Por convite dos Governadores Civis dos Açores, Sua Excelência o Senhor General Carmona visitará brevemente aquelas ilhas.

Como a Guerra tem tendências para se alastrar ao Atlântico, o mais antigo de entre todos os impérios marítimos tem forçosamente de pensar na situação geográfica que occupa no Mundo e entre os seus vastos domínios zelar pela soberania dos Açores que hoje parecem estar numa situação crítica em face da mesma guerra atlântica.

Os Açores têm sido nos últimos quatro séculos como que a pedra no meio de um regato onde pensamos o pé para atingir a outra margem, e se em tempo de paz assim tem sido, hoje o perigo de se tornar essa pedra perigosa pós de guarda todos os interessados, mas muito especialmente aqueles que legalmente têm a soberania daquelas ilhas.

ferida, alcunharam-no de... paranoico!

Emulações daqueles que nada valem e que com o seu enfatuamento e orgulho mal contidos, julgam sobrepujar os bons com o seu estulto e miserável de-prêzo... Faz-me lembrar a triste vida de Pestalozzi, o perceptor ilustre e desgraçado de Zola, Kardec, Seon Denis, e tantos outros, que ficaram a atestar ao mundo a mentalidade superior do seu mestre. P-lo seu muito amor à terra em que nasceu, antevendo um esplendoroso futuro, lança a ideia de se construir uma estrada através da encosta escalvada e pedregosa do monte de S. Bento, que terminasse junto à pequena capela — (1913-1914) — e ali uma estância de reponso à semelhança da Penha e Santa Luzia.

E os homens de então, alcunharam-no de... doido! Vin-se só, completamente só!... E só foi com o autor destas linhas — já lá vão 25 anos — fazer uma imponente festa, com bandeiras, fogo, plantações de árvores, etc. — com a assistência numerosa de... 3 pessoas!...

Ele — Armindo Pereira da Costa — o autor desta — seu neto — e o pobre Alicate, já falecido.

Fazer a piquetagem dessa estrada, que foi o seu sonho doirado, realizado só 30 anos depois!... Saútozozos tempos! Enquanto o saúdoso velhinho com a mão válida erguia a inutilizada em arruobos de crente, vis-à-vis à velha imagem, inmutada nas faces de lágrimas, cá fora, nesse penelo — onde mais tarde os Amiguinhos de S. Bento ergueram o seu cruzeiro de ferro — lançava o Alicate foguetes... E lá no fundo do vale essas intellectualidades mofentas de pires e cháveta, com ares doutorais comentavam enfaticamente com um risinho amarelo a transgredir-lhe a sapiente fronte: E' um doido!... Mas a ideia do doido — 30 anos depois — espelho onde se reflectiam essas mofetozas insinuações, floresceu e frutificou.

Funda o semanário local *O Avizela*, e ali defende com calor a sua ideia. Esboça a constituição de uma Confraria, cuja lista tenho presente, escrita por seu punho. A 15-2-1914, dirige-se ao Governo da Nação, pedindo a construção da estrada para S. Bento. A 21-2-1914, dirige-se por telegrama à Câmara de Guimarães, pedindo resposta ao seu officio de 30 de Janeiro do mesmo ano, com o mesmo fim. A 4-3-1914, ao Dr. Mannel Monteiro. A 25-3-1914, a Luis Pinto de S. Castro. A 6-10-1915, a Carlos Chambers. A 16-12-1914, a Claudino Pinto de S. Castro, etc., etc. Com o mesmo fim escreve nos Jornaes: — *A Montanha*, *A República*, *Jornal de Noticias*, *Primeiro de Janeiro*, *Diário de Noticias*, *Comércio do Porto*, *O Mundo*, *A Lucta*, *Jornal do Rio* (Brasil), etc., etc.

(Continua.)

## Júlio Damas.

### A propósito da Visita Presidencial aos Açores

#### Louvores da Inglaterra por ver Portugal em Guarda

Um artigo de fundo no «Sunday Times» diz: «Por convite dos Governadores Civis dos Açores, Sua Excelência o Senhor General Carmona visitará brevemente aquelas ilhas.

Como a Guerra tem tendências para se alastrar ao Atlântico, o mais antigo de entre todos os impérios marítimos tem forçosamente de pensar na situação geográfica que occupa no Mundo e entre os seus vastos domínios zelar pela soberania dos Açores que hoje parecem estar numa situação crítica em face da mesma guerra atlântica.

Os Açores têm sido nos últimos quatro séculos como que a pedra no meio de um regato onde pensamos o pé para atingir a outra margem, e se em tempo de paz assim tem sido, hoje o perigo de se tornar essa pedra perigosa pós de guarda todos os interessados, mas muito especialmente aqueles que legalmente têm a soberania daquelas ilhas.

Uma guarnição de forças portuguesas está ali instalada.

Na Grã-Bretanha congratulamo-nos por sabermos que este posto avançado estratégico está nas mãos de um governo de uma potência amiga e respeitada, e fazemos votos porque assim ele continue para todo o sempre.

O Presidente dos Estados Unidos, numa comunicação que fez pela T. S. F. declarou, em linguagem brusca, o interesse directo que o seu país tem em evitar qualquer perigo que lhe pudesse advir de uma occupação daquelas ilhas pelo inimigo; de facto falou com tal franqueza que o Governo Português ficou perturbado e solicitou de Washington que lhe fosse assegurado que não havia intenção da parte dos Estados Unidos de offender os direitos de soberania portuguesa sobre aquelas ilhas. Esperamos que a resposta do Governo dos Estados Unidos tenha dado a desejada satisfação ao Governo Português.

Nada poderia estar mais afastado dos desejos dos Estados Unidos (ou, de facto, dos do Império Britânico) que o menosprezo da soberania de Portugal sobre aquelas ilhas.

Pelo contrario a politica destes dois países é tendente a que se mantenha essa mesma autoridade para todo o sempre.

(Britannica Features Service).

# Do Concelho

Caldas das Taipas, 25.

O hábil gerente do Hotel das Termas, desta vila, Sr. Martinho Ribeiro da Silva, que merec das suas raras aptidões e do excelente tratamento dos seus clientes tão alto tem levantado o nome daquelle importante estabelecimento, teve a gentileza de oferecer, no pretérito domingo, à Imprensa e a alguns dos seus amigos mais devotados, um esplêndido almoço que decorreu no meio de grande animação e ao qual assistiram os nossos distintos colegas Srs. Antonio Dias Pinto de Castro, director do «Noticias de Guimarães», Ex.ª espôsa e gentil filha; João de Deus Pereira, de «O Primeiro de Janeiro»; José Gualberto de Freitas, jocoso gazettheiro deste jornal e correspondente do «Correio do Minho»; Alfredo Dias da Fonseca, representante do «Diário do Minho, em Guimarães; António da Silva Martinho e o despretençioso e humilde rabisador destas linhas.

Faltaram alguns colegas entre os quais o velho jornalista e mimoso poeta Sr. Jerónimo Sampaio, de «O Comércio do Porto», cujo estado de saú de lhe não permite brincadeiras de certa natureza, o que é muito de lamentar.

Porém, — não podemos affirmá-lo — mas pareceu-nos que o amigo Joãozinho vinha munido de proençação bastante de S. Ex.ª e soube representá-lo condignamente.

Se o calor era tanto! Reiteramos os nossos agradecimentos ao Sr. Martinho Ribeiro da Silva pelas gentilezas de que fomos cumulados, bem como pelas horas bem passadas que nos proporcionou.

Pedem-nos para chamar a atenção de quem de direito para a forma como se está a proceder com a venda de milho colonial, nesta vila, por conta da Ex.ª Câmara Municipal de Guimarães.

Dizem-nos que ela não é feita proporcional ou equitativamente, do que resulta ficarem muitas vezes sem milho aquêles que mais dele necessitam, o que não corresponde ao esforço e finalidade da mesma Câmara.

Ouvem-se por aí uns zuns zuns muito desagradáveis em que certos padeiros desempenham papel principal, o que seremos forçado a pôr a descoberto qualquer dia, se elles persistirem na sua acção criminosa e aviltante. Quem avisa... — C. C.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

# Pela Instrução

LICEU MARTINS SARMENTO

Exames do 2.º ciclo

Alunos a quem falta 1 disciplina (a concluir em Outubro):

Amílcar Augusto Pires e Borges, Augusto Luis Rodrigues Guimarães, Aurora Amélia Ferreira Seara, Carlos Tôres Alves Ribeiro, Genovaiva dos Prazeres Leite, Gilberto Acácio de Figueiredo, Joaquim Afonso Faria Martins Bastos, João Leite Coelho Lima, Manuel Alberto da Silva Lopes, Manuel Gaspar Mota Prego de Faria, Maria da Conceição Silveira Miranda Guedes, Maria Guilhermina Fonseca e Castro, Hercília de Sousa Almeida, Modesto Mendes de Vasconcelos e Isabel Maria de Sousa Guise Pinheiro.

Relação dos alunos aprovados em uma ou mais disciplinas:

Adozinda da Natividade Lopes, Alvaro António de Sousa Pereira, Alvaro Augusto Ferreira da Cruz, Antonio Montenegro Mendonça Pinto, Beatriz Augusta Felgueiras Coelho, Elvira Alves Vieira Lôbo, Inez Maria da Veiga Ferreira Pedras, Ireneu da Silva Oliveira, Isabel Maria de Sousa Guise Pinheiro, João Manuel Araújo Leite Castro, Manuel José Gonçalves Lamas, Maria Mair da Conceição Ferraz, Nuno Maria Sampaio de Lima Carneiro Pacheco e Virginia Cândida de Sousa.

As matrículas dos alunos que se efectuavam no mês de Agosto, foram transferidas para o mês de Setembro, com as seguintes datas:

De 5 a 15 (matricula moral); De 16 a 20 (multa de 15000); De 21 até a abertura das aulas, só com despacho ministerial e o pagamento de 20000 de multa.

Com a honrosa classificação de 12 valores, concluiu em Braga o 7.º ano do Liceu, o nosso simpático conterrâneo, Sr. Joaquim Manuel de Oliveira Pereira Mendes, filho do nosso prezado amigo e conceituado industrial Sr. Manuel Pereira Mendes.

Com honrosa classificação fez exame de 3.ª classe a interessante menina Maria Antónia Flores de Magalhães, filha do nosso prezado amigo e conceituado comerciante local Sr. Paulino de Magalhães.

A todos, as felicitações do «Noticias de Guimarães».

# EXAMES LICEAIS

Tôda a Imprensa se tem feito eco do que se passou nos exames liceais, e principalmente tem relatado a «catástrofe» succedida aos alunos do 7.º ano na prova de matemática.

Há dias, o nosso colega «A Voz» publicou a seguinte local:

«Vai por todo o país um grande clamor por causa dos exames, principalmente por causa das reprovações, quasi em massa dos alunos do 7.º ano dos liceus na prova de matemática 90 por cento de reprovações em Lisboa (dizem-nos que na Provincia pontos houve em que a percentagem roçou pelos 10 por cento) são cousa tão estranha e tão grave, que, ou os professores não sabem ensinar ou o ponto era absurdo. Esperamos do Sr. Ministro da Educação Nacional uma solução. Verdade seja que ela virá privar os rapazes das férias, tão necessárias, e exigirá dos pais novos sacrificios de dinheiro — mas do mal o menos...»

Nós somos de opinião de que a surpreendente percentagem de reprovações na disciplina de Matemática se deve à elaboração absurda do respectivo ponto e não à falta de competência e de trabalho dos professores.

A preocupação de organizar pontos confusos ou demasiadamente estirados tem de ser posta de parte e, por isso, elles devem ser organizados dentro de um melhor critério, a-fim-de não se repetirem factos passados. Quanto ao caso do corrente ano, estamos convencidos de que o Sr. Ministro da Educação Nacional o resolverá dentro da justiça que elle require e de harmonia com as petições que lhe têm sido feitas por quem de direito. Oxalá que assim seja.

# Madame "Gralha,"

O último periodo do meu artigo «Ensino Primário», publicado no último número do «Noticias» carece do seguinte reparo: onde se lê... pois que a sua conduta dentro das funções que desempenha o tornaram digno dessa estima e dessa veneração, deveria ler-se... — pois que a sua conduta dentro das funções que desempenha o torna digno dessa estima e dessa veneração. Enfim, é apenas uma questão de fazer concordar o verbo «tornar» com o sujeito «conduta», concordância que, Madame «Gralha» estropiou. E' uma senhora muito leviana em assuntos desta natureza e se alguns leitores a desculpam, outros, por vêzes, censuram-na impiedosamente. E como os mais ignorantes são os mais atrevidos, aqui fica feita a devida correcção. — X.

**NOTICIAS DO EDIPISTA**  
SECÇÃO CHARADISTICA  
dirigida por Lusbel..

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno (compl.), Povo, Roquete (ling. e sin.), sin. de Bandeira.

# Campionato de Novíssimas

3.ª eliminatória — N.º 1

- Desde que tenhas prudência, melhor atinges qualquer fim. — 1-2
- O uso das enxada, enche de calos as mãos. — 1-2
- Onde vires a paixão do jôgo, receia a Deshonra. — 2-1
- Sintra, maravilha verde! Conjunto único e sobrenatural. — 4-1
- O aspecto do ciumento é faceto. — 2-3
- Quem é bom, tem a prova no carácter. — 1-1
- Protecção a quem sofre: feito digno de homem intrépido. — 2-2
- Reputação duvidosa se nota, onde há proceder escandaloso. — 2-1
- Amor e felicidade, dão boa fortuna. — 1-3
- Por falta de domínio, quanta jovem na desgraça?! — 1-2
- Felicidade! No mundo é vã palavra... Deus seja louvado! — 1-2
- Sem te pertencer, nunca te apoderes de nada. — 1-1
- Lealdade! Verdadeira magnanimidade! — 1-2
- Grande quantidade de serviço, tormenta que custa a minguar. — 1-1
- Cabeça desprovida de intelligencia, actua sem prudência. — 2-2
- Vida sem fé é estrêla sem luz, barca perdida! — 2-2
- Quem repele Deus ou lhe foge, ignora sua Palavra. — 2-2
- Homem de juízo não procede mal. — 2-2
- Com o poder de Deus se criou a Natureza. — 1-2
- Felicidade! Praticar o bem, daudo ao pobre qualquer esmola. — 1-2
- Repele a mentira, que não permite honrosa vida. — 2-1
- Faz calar sem comiserção, quem discute sem resolução. — 2-1
- Crenga só aparente, miséria de nu espirito tórpe. — 1-1
- Por falta de palavra se cai na deshonra. — 1-2
- Causar mágoa a um pai, merece censura. — 1-1
- A Dôr impõe vida má! — 1-2
- Com vista à morte, nada há semelhante. — 1-1
- Imperfeita é a intelligencia empregada em vão. — 3-2
- Não há má vontade, que não traga inimidade. — 1-3
- Virtude exemplar: dai aos pobres esmola! — 1-2
- Com bom coração quebranta a acção da má ventura. — 1-2
- Honra, bondade, saúde e fortuna, características da verdadeira felicidade. — 1-3
- O remorso não nos deixa o espirito calmo. — 1-2

# III Almôço Charadístico

Conforme é já sabido, no próximo dia 24 de Agosto realizar-se-á a III festa dos EDIPISTAS, comemorando mais um aniversário do seu «Noticias».

Dissemos ser nosso intento realizar esta festa na cidade luivica ou seus arredores, mas só OLEGNA, que nunca falta, deu o seu alvitre para que a festa se efectuasse em S. João da Madeira, em local aprasível, encarregando-se da sua organização e prometendo-nos um grandioso almôço.

A confirmação da escolha deste local, que já conta muitas adesões, depende ainda do preço do menu e despêsas de transporte e ainda do horário combinado deste, pois de contrário teremos de organizar a festa no Porto ou perto, o que também tem alguns adeptos, permitindo que se funde o almôço a tempo de nos assistirem à chegada dos corredores da Volta a Portugal e outros se recrearem na cidade.

Seria, pois, interessante que os confrades portnenses nos indicassem qualquer local e condições possíveis, para podermos resolver definitivamente, pois estamos certos de que OLEGNA e seus conterrâneos vêm ao Porto com a mesma boa-vontade com que os confrades portnenses irão a S. João da Madeira.

Aguardemos, pois.

# COMARCA DE GUIMARÃIS

Secretaria Judicial

# EDITOS DE 20 DIAS

(2.ª publicação)

Pelo tribunal desta comarca de Guimarães, chefe da 4.ª Secção da Secretaria Judicial da mesma comarca, correm editos de 20 dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os crédores desconhecidos para no prazo de dez dias, findo o dos editos, virem deduzir os seus direitos nos autos de execução de sentença que Guilherme Augusto Barreira, solteiro, maior, negociante, do largo de D. Afonso Henriques, desta cidade, move contra António Manuel Fernandes, de Peredo, comarca de Macedo de Cavaleiros e António Augusto Pimparel, casado, comerciante, da rua Abílio Bessa, da cidade e

# Auxilie a indústria da sua terra! Não dê aos de fora o que aos seus faz falta!

Mande executar os seus trabalhos tipográficos na

# Minerva Vimaranense

a mais categorizada casa desta cidade. — R. St.º António, 133.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito substituto, Teodoro Teixeira Pita.

O chefe da 4.ª Secção, Casimiro António Soares da Silva.

123

Lusbel.